

## O FEMININO ENCONTRADO NO CORPO MASCULINO DAS DRAGS: UMA NARRATIVA VISUAL DE SUAS PERFORMANCES NA PARADA GAY DE PELOTAS-RS 2011

**VERGARA, DANIEL LUÍS MOURA<sup>1</sup>; MAGNI, CLAUDIA TURRA <sup>2</sup>; SILVA,  
URSULA DA ROSA<sup>3</sup>**

Mestrando em Antropologia pela UFPel- [danielsocial@gmail.com](mailto:danielsocial@gmail.com)

Co-orientadora Prf.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do departamento de Antropologia da UFPel -[clauturra@yahoo.com.br](mailto:clauturra@yahoo.com.br)

Orientadora Prf.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do departamento de artes da UFPel- [ursula\\_ufpel@yahoo.com.br](mailto:ursula_ufpel@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este ensaio visou refletir e compreender como as identidades visuais e fotográficas do gênero feminino se constroem performaticamente no corpo masculino de “*Drag Queens*” e Travestis no contexto da Parada Gay de Pelotas/RS.

Nesse sentido, considerando relevante a expansão das identidades *queer* na contemporaneidade, essa pesquisa aponta algumas reflexões sobre as contribuições do campo da arte para a essa teoria, investigando as visões artísticas desses sujeitos no contexto da cidade de Pelotas/RS. Assim, cabe aqui descrever e analisar o ser “*Drag Queen*” através da construção desses artistas a partir das observações vivenciadas em campo iluminadas pelas respectivas teorias abordadas neste trabalho.

Esta pesquisa segue os pensamentos de Louro (2004) sob a ótica da teoria *queer* a qual problematiza e reconfigura as questões de gênero. Essa abordagem teórica busca a desconstrução da oposição binária entre masculino e feminino, convidando-nos a olhar os gêneros sob uma perspectiva relacional, se afastando das relações de dominação e submissão.

No campo da Arte Contemporânea houve uma emergência das reflexões envolvendo gênero e sexualidade. De acordo com Dias (2005) tais estudos vem adquirindo destaque no que tange a busca de caminhos para o desenvolvimento de fazeres artísticos que promovam a diversidade e a pluralidade.

Seguindo essa linha de pensamento, Louro (2004) aponta para o questionamento da polarização heterossexual/homossexual. Nesse sentido, seria analisada a mútua dependência dos pólos, ameaçando assim a neutralização e a superioridade da heterossexualidade.

### 2. MATERIAIS E MÉTODOS

O objetivo dessa pesquisa foi produzir um ensaio fotográfico com base nos corpos das “*Drag Queens*” e Travestis gerando assim uma narrativa visual a respeito do contexto cultural do grupo pesquisado e de artistas para a teoria Queer.

A pesquisa teve como estratégia metodológica a pesquisa qualitativa, dando ênfase ao estudo de caso. Segundo Godoy (1995) na pesquisa qualitativa é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo as perspectivas dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados. Assim, o método utilizado para a realização deste projeto foi o da foto-etnografia.

A partir da base teórica do campo das artes visuais e da antropologia social buscou-se construir um ensaio fotográfico foto-etnográfico denso do grupo pesquisado, transferindo para os preceitos de Geertz (2008) com sua

epistemologia de uma antropologia hermenêutica ou interpretativa do universo proposto de pesquisa e da cultura LGBT.

A observação participante e o método etnográfico foram escolhidos para compreender de que maneira se constrói a relação social das “*Drag Queens*” sob seus corpos, como por exemplo, a arte de se *montar*<sup>1</sup>, transformar um gênero em outro. Além disso, esse método foi utilizado para a coleta de imagens, em que, por meio de uma relação lógica, espontânea, construída por conjuntos de experiências pessoais, pelas rotinas, pelos contextos e ações (Bonnemaison, 2002), possibilitou a coleta de imagens mais aproximadas, possíveis de um possível real. Desta forma, o contato direto com os colaboradores contribuiu para o sucesso deste trabalho visto que através de encontros com Madhiva, uma *Drag Queen* local e a Transexual Giselle, principais colaboradoras deste trabalho, houve a possibilidade de entender o olhar do outro. As imagens dos colaboradores bem como as fotografias coletadas em campo, junto a seus depoimentos orais, proporcionaram uma descrição direta da experiência “*Queer*”.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Parada Gay, o maior evento do grupo LGBT pelotense, faz com que vários lugares públicos, tais como, a Avenida Bento Gonçalves, a Avenida Duque de Caxias, o teatro do IF-Sul, a Secretaria da saúde e o DC eventos se tornem, em alguns momentos, espaços para homossexuais.

Os espaços LGBT aqui abordados, e especialmente aqueles vinculados à Parada Gay, nos levam a um tipo de “Universo Paralelo”. Seguimos para um espaço semelhante com o qual a personagem Alice encontrou na fábula “Alice no País das Maravilhas”, espaço este onde as luzes brilham sobre corpos dançantes, as risadas, as músicas, são acompanhadas por um aparato de luz e som envolventes. Nesse espaço/atmosfera não existe medo, censura, receios, a liberdade sexual se manifesta fervorosamente nesses locais, sem pré-conceitos, sem acusações, somente a mais pura demonstração de afeto, liberdade e alegria se fazem presentes.

Esse “Universo Paralelo”, circunscrito a uma temporalidade bem definida – durante (a Parada Gay 2011) - tem um palco sediado na Avenida Bento Gonçalves, em Pelotas/RS. O palco é rodeado por canhões de luz, balões e espelhos, e foi justamente nesse espaço em que avistamos diversas *Drag Queens*, entre estas se destacaram, Madhiva e Giselle, principais colaboradoras deste trabalho.

Presenciamos as apresentações das duas *Drags*, atentando para cada detalhe de seus shows e de suas posturas. Elas pareciam-nos orgulhosas por estarem naquele palco, vigorosas e fortes, sentindo-se como gigantes. Seus braços se moviam de cima para baixo em uma performance encantadora, se erguiam, se abaixavam, agitavam-se, parecendo dragões. Requebravam-se no palco como se estivessem no céu de salto alto - elas usam adereços e maquiagem em verde, vermelho, azul, vivendo as cores para escandalizar; acenam e mandam beijos para todos os que as assistiam, usam anéis e plumas para brilhar, usam perucas que se espalham pela terra e sobem pelo ar, enquanto elas balançam a cabeça, enquanto elas mexem até cansar. Quem são esses rapazes que tanto androginizam? Que tanto nos convidam para festejar?

---

<sup>1</sup> Referência ao ato de construir a personagem feminina com adereços, nome próprio e características femininas.



Prancha 1



Prancha 2



Prancha 3



Prancha 4

Na prancha 1 descrevo o processo de construção de um personagem feminino, neste caso, a *Drag Queen* Madhiva. Ser *Drag Queen* associa-se ao trabalho artístico, pois há a elaboração de um personagem. A elaboração caricata e luxuosa de um corpo feminino é expressa através de artes performáticas como a dança, a dublagem e a encenação de pequenas peças bem como a construção de um corpo com maquiagens e acessórios.

Existem algumas regras que orientam a construção da imagem de *drag queens* e travestis. A maneira como constroem a maquiagem em seus rostos adquire um valor simbólico. As *Drags top*, geralmente feitas pelas travestis, precisam ter contornos bem feitos e rostos afilados, atingidos através de vários recursos. As *Drags caricatas* optam por sobrancelhas grossas e detalhes simulando imperfeições no rosto, criando uma atmosfera satírica da imagem da mulher.

As drags contrapõem-se à idéia do corpo e identidade como algo fixo ao transformá-los em corpos e identidades nômades.

É importante ressaltar que apesar das diferenças entre *Drags* e *Travestis*, no contexto da Parada Gay há uma mistura entre elas, ambas se utilizam da performance artística, criam caricaturas femininas, fazem uso de diversos acessórios para a transformação em personagens masculino-feminino tendo suas imagens associadas aos conceitos de beleza, sedução e vaidade.

Na prancha 2 e 3 são apresentadas algumas performances das *Drags* que se apresentaram da XI Parada Gay. Destaco aqui as características femininas que cada sujeito mostra em seu espetáculo, cada gesto, cada olhar que o corpo

masculino apresenta na constituição do feminino.

As Drag Queens são criadoras de personagens inusitadas, adquirindo assim múltiplas faces enigmáticas. Essas personagens retratam o individual de cada sujeito dessa sopa de letrinhas que discorreremos nesse texto LGBT.

Nos seus espetáculos fazem caras e bocas, possuem perfis considerados insanos por muitos, dentro e fora da comunidade. Nos apresentam o homem e a mulher em uma única pessoa ressoando no seu corpo. Seus rostos mostram a dualidade de gênero e as canções, por elas interpretadas, as tornam destacadas na multidão que as aplaude.

Por fim, na Prancha 4, apresento um aspecto da linguagem gestual, ou seja, uma espécie de dança, nomeada pelo grupo como “bate-cabelo”. Essa performance se dá através de giros feitos com a cabeça em oscilações rápidas e ritmadas, na qual o movimento da peruca é feito com rapidez dando a impressão que o performer irá levantar voo. Entre os grupos das montadas valoriza-se a montaria do artista, validando sua performance entre os demais integrantes do grupo. Essa característica, do bate cabelo, sem deixar a peruca cair, faz com que o respeito entre elas aumente. Essa linguagem gestual se tornou uma marca de grande parte dos shows desses artistas, sendo que, em seu meio, quanto mais elas praticam, maior é o reconhecimento de sua performance.

#### 4. CONCLUSÕES

Esse trabalho seguiu o pensamento da arte para a teoria “*queer*”, dando voz ao grupo “*queer*”, mostrando à academia uma cultura que tem muito para ensinar, fazer e pensar as estruturas sociais, culturais e artísticas.

A parada gay é um movimento que revela-nos o quanto rico é a existência da multiplicidade humana e através dele coloco em xeque as discussões de gênero, trazendo sujeitos, como Maddivah Vuitton, Giselle e as restante das artistas, para refletirmos sobre a desconstrução da polarização do gênero, ou melhor, convido-os a um reinventar nas estruturas sociais, construindo potencialidades neste local tão pouco habitado de feminino no masculino e masculino no feminino.

Estas produções artísticas, surgidas do fruto etnográfico, trouxeram-me um contato maior com mundos desconhecidos, fizeram com que olhasse para sujeitos como as *Drag Queen* e as Travestis e percebe-se a importância da diversidade, no complexo social, mostrando-me, principalmente, que viver o diferente persiste em quebrar barreiras. Dessa maneira, “ser estranho”, busca um fascínio perturbador, porém resgata uma essência da diferença e, principalmente, nos mostra que padrões são rotulações que necessitam ser quebradas e repensadas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria *queer***. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 2008.
- GODOY, Arilda. **Introdução a pesquisa Qualitativa e suas possibilidades.**, In Revista de administração de empresas, v.35, n. 2, Mar./Abr.1995.
- FOUCAULT, M.. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- DIAS, Belidson. **Entre arte/educação multicultural, cultura visual e teoria *queer***. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 277 - 291.